

# Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

IIª série #20 Jan. 2016

dossiê

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PORTUGUESES REVISITADOS

500 arqueossítios ou conjuntos  
em condições de fruição  
pública responsável

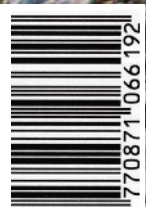
---

Sincronismos, Contemporaneidades,  
Verosimilhanças... e Paradigmas Dominantes

---

Arte-Xávega na Costa da Caparica,  
Património Cultural Imaterial

Preço: 15 €



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

# Henri Breuil e a Arqueologia Portuguesa

## primórdios de uma longa actuação

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

**H**enri Breuil (1877-1961) (Fig. 1) apelidado, no seu tempo, “*Le Pape de la Préhistoire*”, pelo lugar cimeiro que ocupou na Pré-História europeia da primeira metade do século XX, elevando-a ao mais alto nível académico e universitário, e impondo-a definitivamente como domínio científico autónomo e original, foi já biografado por muitos, incluindo portugueses (RAPOSO, 1993-1994). Talvez a síntese mais feliz da sua obra seja a de Luís Pericot García, que, ainda em vida do mestre, o retratou como aquele que “*Il a connu les pionniers, il a recueilli leur héritage [...], il laisse à ses élèves, une science mûre et prête pour le plus grand essor*” (PERICOT GARCÍA, 1957: 486). Neste singelo trabalho, pretende-se contribuir para o conhecimento das condições e particularidades que caracterizaram a primeira fase da longa e profícua contribuição de Henri Breuil para a Arqueologia portuguesa.



FIG. 1 – Henri Breuil na gruta de Altamira em 1902, a sotaina constelada de pingos de cera das velas utilizadas na iluminação (in RIPOLL-PERELLÓ, 1964: Lám. I, 2).

### RESUMO

Reflexão sobre Henri Breuil (1877-1961) e o seu importante contributo para a Arqueologia portuguesa, atendendo em particular à sua primeira fase, entre 1916 e 1918. São tratados os trabalhos iniciais deste arqueólogo em Portugal e a sua relação com outros investigadores e com as instituições locais. Apesar de alguns momentos conturbados, foi-lhe claramente reconhecido um papel fundamental no estudo do Paleolítico português.

PALAVRAS CHAVE: História da Arqueologia portuguesa; Henri Breuil (1877-1961); Pré-História antiga.

### ABSTRACT

Reflection on Henri Breuil (1877-1961) and his important contribution to Portuguese Archaeology, particularly during its first stage, between 1916 and 1918.

The author explores the archaeologist's initial work in Portugal and his relationship with other researchers and local institutions. Despite some difficulties, he has been recognised as having had a fundamental role in Portuguese Palaeolithic studies.

KEY WORDS: History of Portuguese Archaeology; Henri Breuil (1877-1961); Early Prehistory.

### RÉSUMÉ

Réflexion au sujet d'Henri Breuil (1877-1961) et de son importante contribution à l'Archéologie portugaise, en ce qui concerne particulièrement sa première phase, entre 1916 et 1918. Sont traités les travaux initiaux de cet archéologue au Portugal et sa relation avec d'autres chercheurs et les institutions locales. En dépit de certains moments perturbés, on lui a clairement reconnu un rôle fondamental dans l'étude du Paléolithique portugais.

MOTS CLÉS: Histoire de l'Archéologie portugaise; Henri Breuil (1877-1961); Préhistoire ancienne.

<sup>1</sup> Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

2. OS PRIMEIROS E ACIDENTADOS TRABALHOS DE HENRI BREUIL EM PORTUGAL

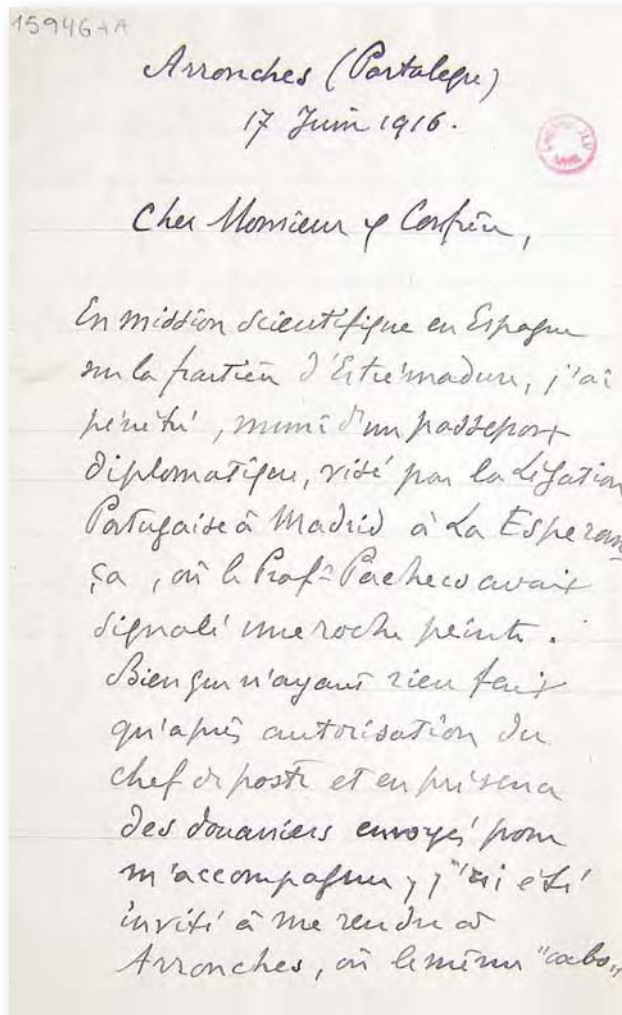
Em Junho de 1916, atraído pelas pinturas rupestres no abrigo do Val-de-Junco, situado em crista quartzítica nas vizinhanças da Senhora da Esperança (Arronches), que Eduardo Hernandez-Pacheco tinha pouco antes dado a conhecer (CORREIA, 1916a; CARDOSO, 2012: 113), por indicação de Aurélio Cabrera, Henri Breuil acorreu ao local da descoberta, onde foi detido por uma patrulha da Guarda Fiscal de Arronches, sob suspeita de se tratar de um espião (RAPOSO, 1993-1994; CARDOSO, 2009).

Nesse momento afluente, Breuil recorreu a Leite de Vasconcelos, que já conhecia, para o ajudar, escrevendo-lhe carta onde se evidencia bem a sua preocupação resultante da situação criada, datada de Arronches de 17 de Junho de 1916 (Fig. 2).

Com efeito, embora se visse a Primeira Guerra Mundial, declarando-se Portugal como beligerante exactamente no ano de 1916, e fosse aquela uma região fronteiriça, nada explica, aparentemente, o episódio ocorrido. Segundo as palavras do visado, “*Bien que n'ayant rien fait qu'après autorisation du chef de poste et en présence des douaniers envoyés pour m'accompagner, j'ai été invité à me rendre à Arronches, où le même «cabo» qui m'avait autorisé à dessiner et photographier la roche fit contre moi des déclarations fausses et tendancieuses, déclarant que j'avais pris des photographies de positions stratégiques (une roche de 15 m de long dans un petit vallon sans aucune vue sur la sierra voisine) – l'administrateur n'a pu que télégraphier au gouvernement, et celui-ci à Lisbonne, j'attends depuis 3 jours ici, tandis que toute ma expédition est en Espagne [...]»*”.

Em resposta, Leite de Vasconcelos apressou-se a enviar-lhe telegrama, datado de 20 de Junho, cujo rascunho se conserva, onde declara: “*Letre reçue retard. Ministre arrangea tout. Répondez Musée Ethnologique Belém combien longtemps resterez Arronches. Pourrai y aller*”. Em nota aposta a esta curta resposta, referiu que tinha escrito ao Comandante da Guarda Fiscal de Arronches, nesse mesmo dia (Fig. 3).

Obrigado a permanecer em Arronches enquanto se resolvia a situação, Breuil não perdeu tempo: estando autorizado a circular pela vila, ao inspecionar os barreiros e cascalheiras quaternários do terraço fluvial do rio Caia existente à saída da povoação, perto do cemitério, deparou-se, inesperadamente, com uma abundante indústria paleolítica sobre seixos de quartzito, que logo classificou como chelense e acheulense, apresen-



tando, na carta enviada a Leite de Vasconcelos, datada de 4 de Julho de 1916, um esboço de localização dos achados (Fig. 4). A carta termina com um alerta a respeito de Juan Cabré, em P.S., com quem se havia incompatibilizado, depois de ele ter sido um dos seus colaboradores mais próximos no estudo da arte rupestre levantina, financiado pelo Príncipe Alberto I de Mônaco. Com efeito, em nota de rodapé no volume I da sua monumental obra *Les Peintures Rupestres Schematiques de la Péninsule Ibérique*, Breuil declara: “*L'attitude de M. Cabré en 1913 n'a permis à notre collaboration de se poursuivre, et elle fut rompue par ordre exprès du prince Albert*” (BREUIL, 1933: 2, nota 1).

Compreende-se o interesse de Breuil em publicar os materiais paleolíticos de Arronches assim ocasionalmente descobertos, tendo presente a escassez, à época, de testemunhos sobre a presença do homem

FIGS. 2 E 3 – Em cima, carta de Arronches, datada de 17 de Junho de 1916, de Henri Breuil a J. Leite de Vasconcelos (arquivo Museu Nacional de Arqueologia).

À direita, rascunho do telegrama remetido a Henri Breuil por J. Leite de Vasconcelos a 20 de Junho de 1916, em resposta à carta da Figura anterior (arquivo MNA).

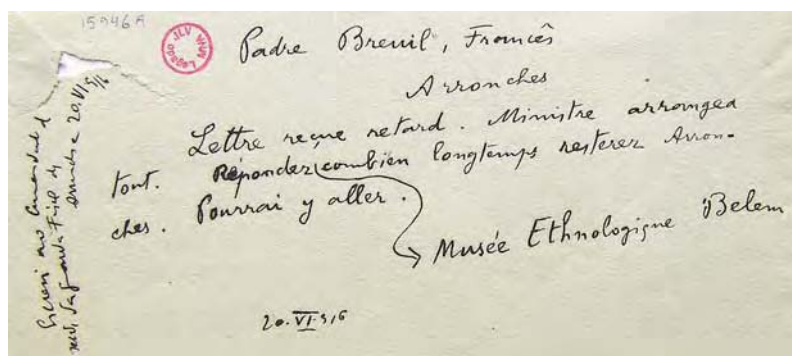
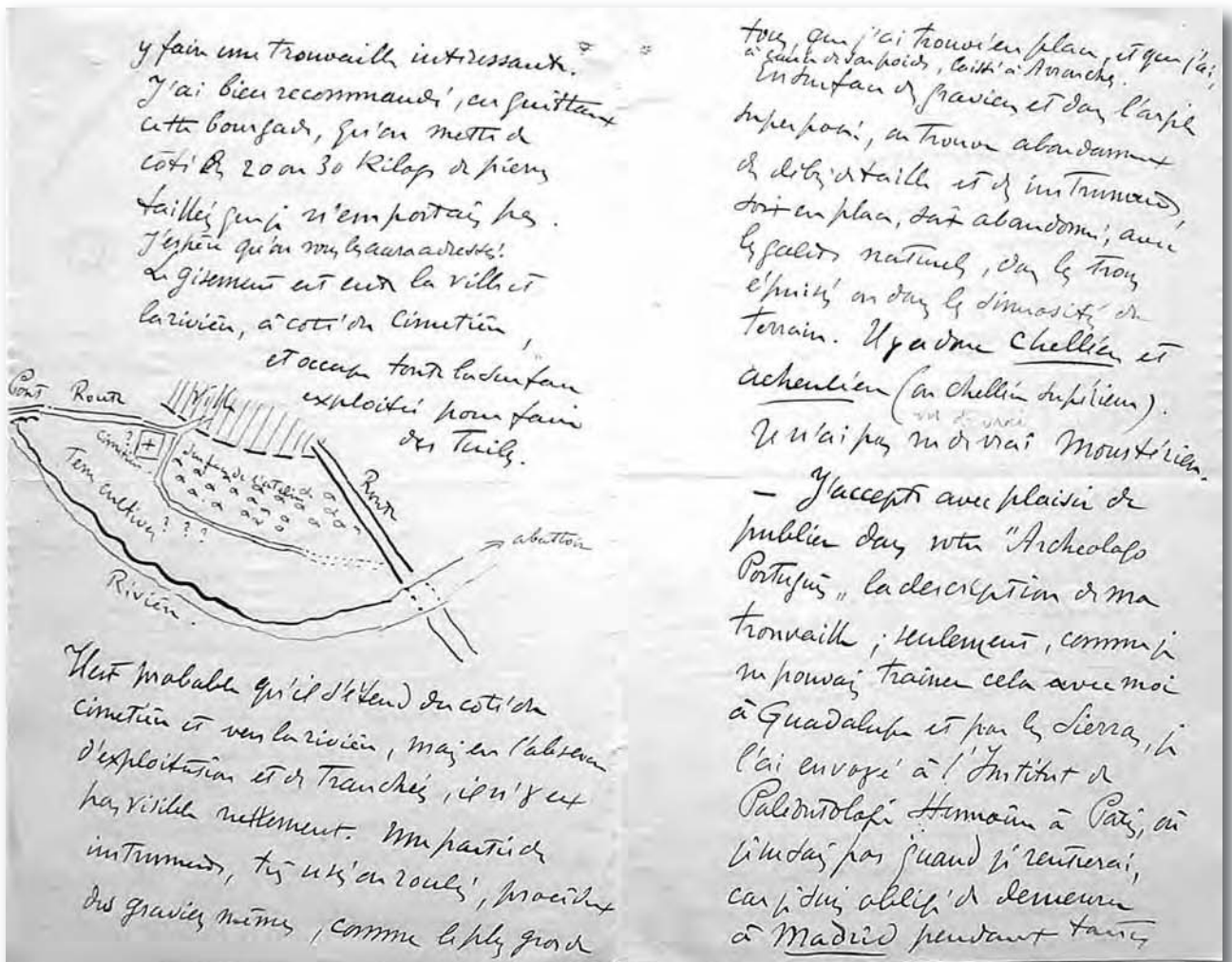


Foto: João Luís Cardoso.



paleolítico em território português, sobretudo no interior do território. No caso em apreço, a publicação dos achados arrastar-se-á, devido em parte à morosidade dos correios de e para França, tendo em conta o tempo de guerra que se vivia, envolvendo a correcção de provas e a execução de separatas a mais, pedidas por Breuil. Finalmente, o trabalho foi publicado em 1920, em *O Arqueólogo Português* (BREUIL, 1920), depois de uma primeira notícia ter saído em *L'Anthropologie*, logo em 1917 (BREUIL, 1917a), na qual se publicam as peças que Breuil havia levado para França. Procurando fazer uma resenha do que era já conhecido sobre esta temática em Portugal, contactou diversos arqueólogos portugueses (Vergílio Correia e Mesquita de Figueiredo), mas, tendo encontrado inesperadas dificuldades na empresa, desabafou, a Leite de Vasconcelos, a 18 de Janeiro de 1918: "Il est vraiment difficile de contenter tout le monde ici bas!" Este desabafo dizia, certamente, respeito a Mesquita de Figueiredo, já então incompatibilizado com Leite de Vasconcelos, depois da crise que teve de enfrentar enquanto Director do Museu Etnológico após a implantação da República.

Data também dessa primeira incursão acidentada a Portugal a descoberta por Henri Breuil de uma estela de quartzito antropomórfica, no caminho para o Val-de-Junco, a chamada "Estela de Arronches", também por si publicada, em 1917, na revista *Terra Portuguesa*, dirigida por Vergílio Correia (BREUIL, 1917b). Imagina-se facilmente o interesse de Leite de Vasconcelos em recuperar para Portugal essa peça, o

FIG. 4 – Trecho da carta enviada de Madrid por Henri Breuil a J. Leite de Vasconcelos, datada de 4 de Julho de 1916, depois do seu regresso de Arronches, onde, em esboço, assinala os locais onde recolheu materiais paleolíticos, nas imediações daquela povoação (arquivo MNA).

que conseguiu anos depois, conservando-se a mesma no Museu Nacional de Arqueologia. Com efeito, a 17 de Março de 1923, a estela de Arronches foi devolvida a Portugal (CARDOSO, 2009). Ainda assim, Breuil recomenda que nela figurasse uma legenda do tipo "Descoberta e oferecida por M. l'Abbé Breuil, em nome do Instituto de Paleontologia Humana de Paris", acrescentando: "En effet, son directeur [que era Marcellin Boule], m'a laissé libre d'agir, mais sans vouloir s'en mêler; la pièce a été considérée par lui comme ma propriété personnelle, ne venant pas des fouilles faites par l'IPH" (Fig. 5).

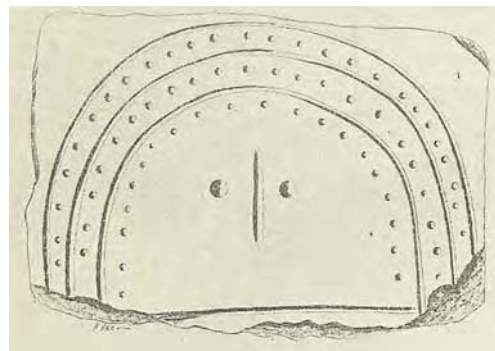


FIG. 5 – Desenho da estela de Arronches, publicada por Henri Breuil (BREUIL, 1918).

### 3. A SEGUNDA VINDA DE HENRI BREUIL A PORTUGAL

Após a sua curta e inopinada estada de quatro dias no concelho de Arronches, Breuil regressou a Espanha para prosseguir as suas investigações e a acção em prol da França, que desenvolvia em Madrid, acirrando a sua incompatibilidade política com o Marquês de Cerralbo (MEDEROS-MARTIN e ESCRIBANO COBO, 2011: 65), militante da causa Carlistaque, além do mais, se assumiu como protector de Juan Cabré. A curta presença em Portugal de Breuil em Junho de 1916, limitado a Arronches, de onde saiu directamente para Espanha, impediu o estabelecimento de quaisquer relações pessoais com os arqueólogos portugueses, designadamente com aqueles que então se debruçavam sobre o Paleolítico. Seja como for, tomou ulteriormente contacto com as suas publicações, que elenca de forma exaustiva na parte final do artigo publicado em *O Arqueólogo Português* (BREUIL, 1920), redigido em França. Para o efeito, a sua relação centrou-se então em Vergílio Correia, jovem arqueólogo protagonista pouco tempo antes de um conflito com J. L. de Vasconcelos, que determinou a sua saída, em 1916, do Museu Etnológico (CARDOSO, 2012), onde desempenhou, entre 31 de Agosto de 1912 e 8 de Agosto de 1916, o cargo de Conservador (COITO, CARDOSO e MARTINS, 2008).

A principal razão que o levou a privilegiar o contacto com Vergílio Correia, já então Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, em detrimento de outros arqueólogos portugueses que, ao tempo, também se dedicavam, e até com mais notoriedade, ao estudo das indústrias paleolíticas, como era o caso de Joaquim Fontes, então aluno de Medicina, poderá ter sido o facto de aquele ter publicado, em 1916, pequena notícia da descoberta das pinturas de Val-de-Junco na revista *Terra Portuguesa*, por si dirigida (CORREIA, 1916a: 158).

Tal manifestação de interesse pela arte rupestre do território português afigura-se relevante, visto que, até então, a referida temática apenas havia chamado a atenção de J. Leite de Vasconcelos, ao ter publicado em 1907 a síntese dos conhecimentos relativos à arte dolménica na revista *L'Homme Préhistorique* (VASCONCELOS, 1907).

Deste modo, o interesse de Vergílio Correia pela arte pré-histórica, que fazia a ligação entre a Arqueologia e a História da Arte, domínio que ulteriormente desenvolveu na Universidade de Coimbra, esteve na origem da publicação, na mesma revista, e no ano seguinte, do estudo de Henri Breuil sobre a estação de Val-de-Junco, onde integrou também a publicação da estela dita de Arronches, a que acima já se fez referência (BREUIL, 1917b) (Fig. 6).

Com efeito, aquando do primeiro contacto pessoal de Breuil com os arqueólogos portugueses, em Junho de 1918, altura em que o eminente pré-historiador francês efectuou uma mais demorada visita a Portugal, já as suas relações científicas com Vergílio Correia estavam plenamente consolidadas, explicando-se assim o papel determinante por este então assumido na referida visita.

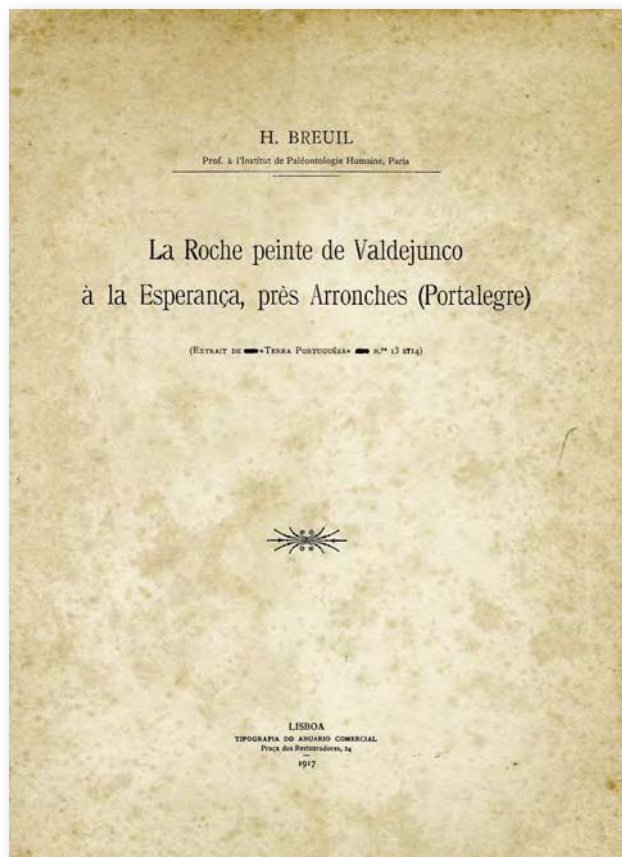


Fig. 6 – Capa da separata do trabalho dedicado às pinturas rupestres de Val-de-Junco (BREUIL, 1918) (arquivo J. L. C.).

Embora Breuil tivesse sido recebido por Leite de Vasconcelos no Museu Etnológico, tal visita destinou-se apenas a examinar materiais ali guardados e assumiu, por conseguinte, uma finalidade objectiva, não envolvendo nenhum contacto do foro pessoal. Esta conclusão vê-se reforçada pela ausência de correspondência entre ambos entre 4 de Julho de 1916 e 18 de Janeiro de 1919, registando-se apenas, no início da última daquelas missivas, um agradecimento fugaz pelo acolhimento em Lisboa no mês de Junho do ano anterior, e a manutenção do compromisso, anteriormente assumido, da publicação das suas recolhas de Arronches em *O Arqueólogo Português*, como de facto veio a verificar-se em 1920: “*Bien que je ne vous aie guère donné de mes nouvelles depuis fin Juin, je n’ai oublié ni votre aimable accueil, ni ma promesse de vous adresser un travail sur la station paléolithique d’Arronches*”. Assim, pode concluir-se que o conflito então existente entre Leite de Vasconcelos e Vergílio Correia terá estado na origem de um contacto algo distante de Breuil com o primeiro, no decurso da sua estada em Lisboa, em Junho de 1918, tendo presente a sua proximidade com o segundo.

Breuil proferiu em Lisboa duas conferências, nas noites de 11 e de 15 de Junho, na Sociedade de Geografia de Lisboa. A importância concedida àquelas duas intervenções encontra-se evidenciada pelo facto de ambas terem sido secretariadas ao mais alto nível, pelo Almirante

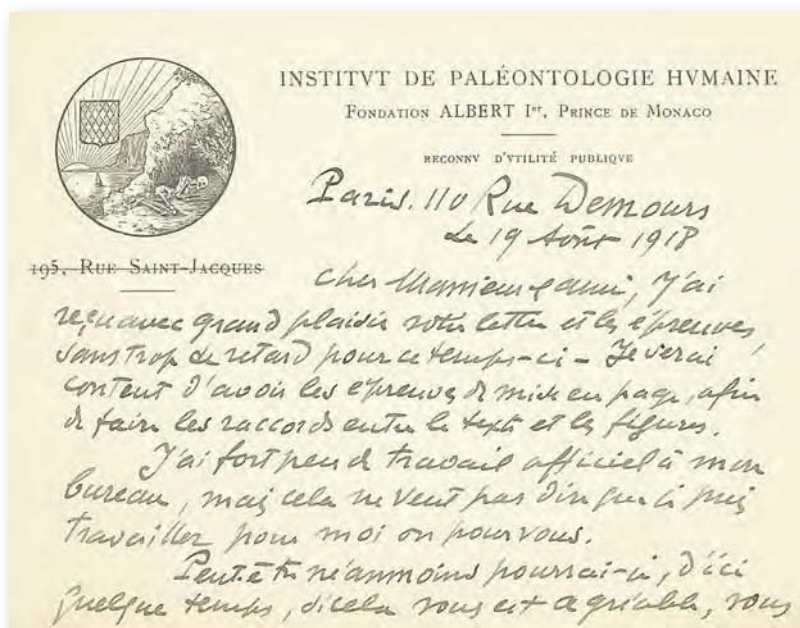
Ernesto de Vasconcelos (1852-1930), que então desempenhava o cargo de Secretário-Geral Perpétuo da Sociedade. A presidência da mesa coube ao Dr. Anselmo Braamcamp Freire, historiador e ilustre político monárquico, e depois republicano de destaque, que então desempenhava o cargo de Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, cujo discurso de abertura, foi publicado na revista *Terra Portuguesa*, antecedendo a publicação do trabalho “Impressions de Voyage Paléolithique à Lisbonne” (BREUIL, 1918). Nele, Breuil apresenta uma síntese dos conhecimentos então existentes sobre aquele largo período no território português, incluindo observações sobre os espólios dos concheiros mesolíticos de Muge, conservados no Museu dos Serviços Geológicos, onde identificou fragmentos de zagaia de osso atribuíveis ao Paleolítico Superior, recolhidas por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura, que se juntaram aos espólios líticos daquela mesma época, reconhecidos naquela e em diversas outras estações referidas no artigo. Poder-se-á perguntar por que motivo este importante estudo – que abria largos horizontes de investigação aos arqueólogos portugueses – não foi publicado no prestigiado *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, nem tão-pouco em *O Arqueólogo Português*. As razões prendem-se com o facto de, na recepção e acompanhamento de Breuil em Lisboa, ter Vergílio Correia desempenhado papel determinante. Além do mais, parte significativa dos espólios que ilustram o artigo de Breuil – com excepção dos materiais por si desenhados no Museu dos Serviços Geológicos – resultaram de colheitas de Vergílio Correia, e o próprio artigo é-lhe dirigido, à maneira de um longa missiva, na qualidade de “*Cher Monsieur et Ami*”.

Um cartão timbrado do Instituto de Paleontologia Humana (Paris) remetido a Vergílio Correia, onde Breuil então detinha o posto de Professor, datado de 19 de Agosto de 1918 (Fig. 7), documenta a recepção em Paris das provas do artigo que, escassos meses depois, viria a ser publicado no fascículo de Outubro-Dezembro da revista *Terra Portuguesa*: “*J’ai reçu avec grand plaisir votre lettre et les épreuves, sans trop de retard pour ce temps-ci – je serai content d’avoir les épreuves de mise en page, afin de faire les raccords entre le texte et les figures*”. Compreende-se a referência ao atraso, pois a guerra ainda continuava em pleno naquele mês de Agosto de 1918, dificultando a circulação da correspondência, que, para mais, era sujeita a censura.

FIG. 7 – Cartão com timbre do Instituto de Paleontologia Humana, datado de 19 de Agosto de 1918, de Paris, remetido por Henri Breuil a Vergílio Correia (arquivo J. L. C.).

O artigo de Breuil teve evidente impacto no limitado meio arqueológico português, até porque os estudos sobre o Paleolítico conheceram ao longo daquela década um impulso decisivo, sobretudo por via dos trabalhos de Joaquim Fontes.

Com efeito, Joaquim Fontes era, à época, depois da sua descoberta da estação do Casal do Monte (Loures), em 1909, logo prontamente publicada em 1910 com o patrocínio empenhado de J. Leite de Vasconcelos (FONTES, 1910), o arqueólogo português mais indicado para interlocutor dos investigadores que pretendessem obter informações em primeira mão sobre o período mais recuado da história humana no território português. Compreende-se esse interesse, visto tal período ser ainda aqui quase desconhecido, ao contrário do verificado além-fronteiras, onde as investigações tinham há muito evidenciado a importância da presença humana paleolítica. Tal realidade tornou Fontes precocemente conhecido no estrangeiro, onde conseguiu, com assinalável êxito, divulgar as suas investigações no domínio do Paleolítico dos arredores de Lisboa, mercê de diversas comunicações apresentadas a sucessivos congressos internacionais: às sétima e oitava sessões do Congresso Pré-Histórico de França, em Nîmes (FONTES, 1911) e em Angoulême (FONTES, 1913a), apresentou as comunicações: “*Contribution à l’Étude de la Période Paléolithique en Portugal*” e “*Note Sur le Moustérien en Portugal*”; naquele mesmo ano de 1913, apresentou à 14.ª Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Genebra, o estudo, igualmente baseado em exemplares recolhidos em Casal do Monte, “*Sur Quelques Types Inédits de Coups de Poing du Portugal*” (FONTES, 1913b). No ano anterior tinha publicado no *Bulletin de la Société Pré-historique Française* o estudo “*Trois Coups-de-Poing Acheuléens du Portugal*” (FONTES, 1912), tratando também de exemplares recolhidos no Casal do Monte. Tanto bastou para que, antes de completar os 20 anos, o seu nome fosse tomado como referência internacional



na matéria, no respeitante a Portugal. Nos anos seguintes, com o convívio afectuoso que lhe dispensava Paul Choffat, o derradeiro sobrevivente da “época de ouro” dos Serviços Geológicos de Portugal, a ponto de lhe deixar em testamento os seus livros de Arqueologia (CASTELO-BRANCO, 1961), Joaquim Fontes teve a oportunidade de estudar e publicar, no prestigiado órgão científico daquela Instituição, algumas das colecções de materiais paleolíticos outrora recolhidas sob a égide de Carlos Ribeiro e, depois, de Nery Delgado, oriundas da Mealhada e da região do Porto (FONTES, 1915-1916; 1918).

Ao contrário do rico currículo científico no domínio do Paleolítico detido por Joaquim Fontes, Vergílio Correia apenas publicara uma única obra a este respeito, em 1912 (CORREIA, 1912a), já que o seu artigo sobre as “Facas e Raspadores da Estação Paleolítica de Monsanto I” (CORREIA, 1912b), inclui a análise de exemplares que não se afiguram daquela época.

A razão que explica o facto de Joaquim Fontes ter ficado totalmente arredado do apertado círculo que acompanhou Breuil na sua visita a Lisboa, em Junho de 1918, prende-se com o facto de, também ele, se ter incompatibilizado com Vergílio Correia, como ficou claramente evidenciado da publicação das suas cartas para José Leite de Vasconcelos (CARDOSO, 2012). Com efeito, Joaquim Fontes, sendo discípulo e amigo muito próximo do Director do Museu de Belém, tinha tomado partido por este quando o conflito com Vergílio Correia se declarou, o qual será objecto de um futuro estudo, desenvolvendo considerações já publicadas (CARDOSO, 2012).

Para além do referido diferendo, a que Fontes era, no início, totalmente alheio, sobreveio um outro que já lhe dizia directamente respeito, e que decorre, em parte, daquele. A publicação, em 1916, por iniciativa de Joaquim Fontes, de um estudo de Juan Cabré – que, lembremo-nos, se tinha incompatibilizado com Breuil, conforme é declarado pelo próprio em carta enviada a Leite de Vasconcelos acima parcialmente transcrita –, esteve na origem do conflito. Trata-se do opúsculo intitulado “Arte Rupestre Gallego y Português” (CABRÉ AGUILÓ, 1916), no qual o arqueólogo espanhol estuda algumas das manifestações peninsulares de arte rupestre pós-paleolítica, entre as quais as do Cachão da Rapa, objecto de um estudo aparecido nesse mesmo ano de Vergílio CORREIA (1916b), mas já citado por Cabré. Embora o autor português se tenha limitado a sublinhar a importância – e bem – do desenho que Contador de Argote publicou no século XVIII, o estudo de Cabré mereceu-lhe diversos reparos de carácter estritamente ético, prontamente publicados (CORREIA, 1917). Tais reparos deram origem a réplica de Joaquim Fontes, que assim se constituiu em defensor de Cabré (FONTES, 1918), e indirectamente, do próprio Leite de Vasconcelos, não sendo de excluir que a referida réplica possa ter sido em parte por ele inspirada.

Seja como for, Fontes mantinha à época importante correspondência com Juan Cabré, já publicada (CARDOSO e MELO, 2005), explicando a proximidade entre ambos, por si só, a defesa do arqueólogo espa-

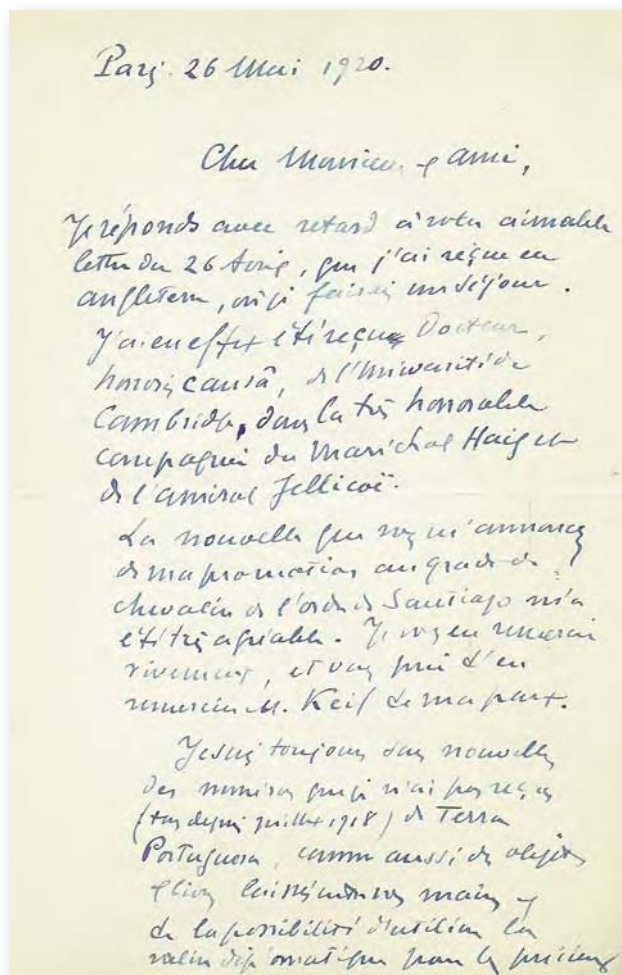


FIG. 8 – Trecho de carta enviada por Henri Breuil a Vergílio Correia, datada de 26 de Maio de 1920, de Paris (arquivo JLC).

nhol. Tendo o auge desta polémica coincidido com a vinda de Breuil a Portugal, facilmente se compreende que era impossível conjugar, em 1918, a presença dos dois arqueólogos desavindos com a de Breuil.

#### 4. EPÍLOGO

A última missiva que Breuil dirigiu a Vergílio Correia, datada de Paris, de 26 de Maio de 1920 (Fig. 8) faz referência à concessão que lhe fora feita pelo Estado Português, do grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada. Não por acaso ou coincidência, também Vergílio Correia havia sido agraciado, a 3 de Abril do mesmo ano, com o grau de Oficial da referida Ordem. É provável que a outorga a Breuil desta condecoração tenha resultado da intercessão do próprio Vergílio Correia, e seguramente de Alfredo Keil, visto Breuil solicitar, na referida missiva, a Vergílio Correia, que lhe transmitisse também os seus agradecimentos. Tratou-se, muito provavelmente, de uma reparação tardia que os seus amigos portugueses lhe pretenderam fazer, pelos transtornos ocorridos no decurso da sua acidentada primeira vinda a Portugal, em Junho de 1916, a que se somou o reconhecimento pelos ulteriores contributos publicados no âmbito do estudo

do Paleolítico português. É interessante referir que a condecoração portuguesa foi a primeira distinção que Breuil recebeu na sua longa e profícua vida, conforme consta da lista publicada na obra comemorativa dos seus 80 anos (HENRI-MARTIN, 1957), onde se refere igualmente que fora eleito Sócio Honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1918, certamente aquando da apresentação da sua memorável comunicação na sede da hoje centenária agremiação.

Mais tarde, a presença de Breuil em Portugal foi determinante para o lançamento das bases para o estudo sistemático das indústrias paleolíticas das praias levantadas do litoral e dos terraços fluviais quaternários do vale do Tejo, em colaboração com o geólogo Georges Zbyszewski, o qual prosseguiu ininterruptamente, durante 17 meses, en-

tre Junho de 1941 e Novembro de 1942. Mas essa é uma temática de que já me ocupei noutros lugares (CARDOSO, 1997 e 2007) e à qual voltarei oportunamente. ~~✱~~

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), por ter autorizado a reprodução das missivas remetidas por Henri Breuil a J. Leite de Vasconcelos, pertencentes ao Arquivo Histórico da Instituição, e à Dr.<sup>a</sup> Lúcia Cristina Coito, pelo apoio que concedeu à referida tarefa.

## REFERÊNCIAS

- BREUIL, H. (1917a) – “Glanes Paléolithiques Anciennes dans le Bassin du Guadiana”. *L'Anthropologie*. Paris. 28 (1-2): 1-19.
- BREUIL, H. (1917b) – “La Roche Peinte de Valdejunco à la Esperança, près de Arronches (Portalegre)”. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 3 (13-14): 17-27.
- BREUIL, H. (1918) – “Impressions de Voyage Paléolithique à Lisbonne”. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 4 (27-28): 34-39.
- BREUIL, H. (1920) – “La Station Paléolithique Ancienne d'Arronches (Portalegre)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24: 47-55.
- BREUIL, H. (1933) – *Les Peintures Schématisques de la Péninsule Ibérique. I. Au nord du Tage*. Lagny: Imprimerie de Lagny.
- CABRÉ AGUILÓ, J. (1916) – *Arte Rupestre Gallego y Portugués (Eira d'os Mouros y Cachão da Rapa)*. Lisboa: Imprensa da Livraria Ferin (*Memórias Publicadas pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, 2).
- CARDOSO, J. L. (1997) – “Reconhecidos a Georges Zbyszewski (palavras proferidas na sessão inaugural do Encontro)”. In *I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski (Sagres, 1991)*. Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, pp. 9-16 (*Setúbal Arqueológica*, 11-12).
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2009) – “José Leite de Vasconcelos, Pré-Historiador: sua projecção internacional”. In CARDOSO, J. L. (coord.). *150 Anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Actas da Jornada Evocativa*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 85-180.
- CARDOSO, J. L. (2012) – “José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e Joaquim Fontes (1892-1960) Vistos Através da Correspondência Conservada nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia e do Laboratório Nacional de Energia e Geologia”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 2: 77-187.
- CARDOSO, J. L. e MELO, A. A. (2005) – “Correspondência de Joaquim Fontes (1892-1960). Contributos para a História da Arqueologia peninsular”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 13: 195-321.
- CASTELO-BRANCO, A. de (1961) – “O Professor Joaquim Moreira Fontes e os Serviços Geológicos de Portugal”. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII. 10: 177-182.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. e MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Editorial Verbo.
- CORREIA, V. (1912a) – “O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 17: 55-62.
- CORREIA, V. (1912b) – “Facas e Raspadores da Estação Paleolítica de Monsanto I”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 17: 275-284.
- CORREIA, V. (1916a) – “Pinturas Rupestres da Sr.<sup>a</sup> da Esperança (Arronches)”. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 1 (5): 158.
- CORREIA, V. (1916b) – “Arte Pré-histórica. Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII”. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 1 (4): 116-119.
- CORREIA, V. (1917) – “A Propósito da «Arte Rupestre Gallego y Portugués» do Sr. Juan Cabré Aguiló”. *Terra Portuguesa*. 2 (12): 186-188.
- FONTES, J. (1910) – “Estação Paleolítica de Casal do Monte”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 15: 93-96.
- FONTES, J. (1911) – “Contribution à l'Étude de la Période Paléolithique en Portugal”. In *7<sup>o</sup> Congrès Préhistorique de France (Nîmes, 1911)*. Nîmes, pp. 137-145.
- FONTES, J. (1912) – “Trois Coup de Poing Acheuléens du Portugal”. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Le Mans: Imprimerie Monnoyer. Separata.
- FONTES, J. (1913a) – “Note Sur le Moustérien en Portugal”. In *8<sup>o</sup> Congrès Préhistorique de France (Angoulême, 1913)*. Paris, pp. 342-350.
- FONTES, J. (1913b) – “Sur Quelques Types Inédits de Coups de Poing du Portugal”. In *14<sup>o</sup> Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Genebra, 1912)*. Genebra: Imprimerie Albert Kundig. 2, pp. 351-354.
- FONTES, J. (1915-1916) – “Station Paléolithique de Mealhada”. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 11: 7-15.
- FONTES, J. (1918) – “Instruments Paléolithiques dans la Collection de Préhistoire du Service Géologique. 2. Instruments paléolithiques des environs de Porto”. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 12: 3-16.
- FONTES, J. (1918) – “A Obra do Sr. Cabré “Arte Rupestre Galego y Portugués” e a Crítica do Sr. Virgílio Correia”. *Revista de História*. Lisboa. 7: 63-65.
- HENRI-MARTIN, G., ed. (1957) – *Hommage à l'Abbé Henri Breuil pour Son Quatre-Vingtième Anniversaire*. Macon: Imprimerie Protat Frères.
- MEDEROS-MARTÍN, A. e ESCRIBANO COBO, G. (2011) – *Julio Martínez Santa-Olalla, Luis Diego Cuscoy y la Comisaría Provincial de Excavaciones Arqueológicas de Canarias Occidentales (1939-1955)*. Tenerife: Organismo Autónomo de Museos y Centros (*Canarias Arqueológica, monografías*, 5).
- PERICOT GARCIA, L. (1957) – “Discours Prononcé par le Prof. Don Luis Pericot-García, Doyen de la Facultad de Philosophie et de Lettres de l'Université de Barcelone (Espagne)”. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 54: 485-487.
- RAPOSO, L. (1993-1994) – “Do Somme ao Tejo: a vida e a obra de Henri Breuil e a sua contribuição para a Pré-História portuguesa”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11-12: 223-290.
- RIPOLL-PERELLÓ, E. (1964) – “Vida e Obra del Abate Henri Breuil, Padre de la Prehistoria”. In RIPOLL-PERELLÓ, E. (ed.). *Miscelánea en Homenaje al Abate Henri Breuil (1877-1961)*. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona / Instituto de Prehistoria y Arqueología, pp. 1-69.
- VASCONCELOS, J. L. (1907) – “Peintures dans les Dolmens de Portugal”. *L'Homme Préhistorique*. 5: 33-37.